

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 - TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA «GRAFEX» - TELEF. 026 236 - MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

Justa consagração de um sábio

A Academia das Ciências de Lisboa, por proposta do seu insigne Presidente, Senhor Doutor Júlio Dantas, promoveu em boa hora uma semana de homenagens à memória do sábio professor Doutor Egas Moniz, cuja obra, mundialmente conhecida, foi galardoada com o primeiro prémio Nobel atribuído a um cientista português.

A sessão inaugural da semana de Egas Moniz presidiu Sua Excelência o Senhor Presidente da República, e teve a comparência do Senhor Ministro da Educação Nacional, dos reitores das nossas Universidades clássica e técnica, de alguns membros do Corpo Diplomático e de outras altas individualidades.

O Governo português quis assim testemunhar o alto apreço em que é tida a obra extraordinária do eminente Professor, associando-se oficialmente às homenagens de forma a torná-las como verdadeira Consagração Nacional.

A obra de Egas Moniz é bem conhecida no mundo da ciência médica. Não pretendemos, por isso, fazer a

EGAS MONIZ POR ÁLVARO PEREIRA

análise, ainda que superficial, do seu inestimável valor, dado que o âmbito das suas revelações transcende em muito o carácter noticioso deste artigo.

Diremos, no entanto, que as descobertas de Egas Moniz — a angiografia cerebral que, segundo Babinsky foi a maior descoberta médica do século, e a leucotomia pré-frontal, — permitiram estabelecer as bases para um maior e melhor conhecimento do cérebro humano.

O valor destas importantes pesquisas foi logo reconhecido e a sua aplicação, em clínicas estrangeiras, depressa começou a generalizar-se. Com efeito, o método do sábio português abriu à cirurgia cerebral horizontes ilimitados e tão vastos que hoje a psicocirurgia é tida como indispensável ao conhecimento das perturbações das regiões cerebrais.

Quem se debruce demoradamente sobre o valor da obra de Egas Moniz, e mui-

tos o têm feito, dentre os quais é justo destacar a acção do Professor Doutor Almeida Lima, logo se apercebe da grandeza de tais descobertas, que honram não apenas o seu autor mas toda a classe médica portuguesa.

Egas Moniz foi realmente, e acima de tudo, um trabalhador infatigável, jamais dando tréguas ao desfalecimento. O tempo para ele não contava, ou melhor, contava apenas na razão directa em que tinha de intervir para minorar a dor alheia, pois, como muito bem disse Júlio

Dantas, «o nome de Egas Moniz será lembrado por toda a eternidade do sofrimento humano».

A ciência para Egas Moniz foi a sua grande paixão, porventura a maior, porque a ela se entregou de alma e coração, sacrificando a própria saúde.

O Prémio Nobel, glorificação máxima a que todo o grande cientista aspira, foi o reconhecimento universal aos seus trabalhos científicos. Foi-lhe atribuído numa altura da vida em que as honrarias já não envaidecem, sobretudo a homens da sua estirpe, mas ele serviu, contudo, para sentir que o seu esforço, o seu sacrifício, em suma, tinha sido finalmente

(Continua na página 5)

Portugal Ditoresco

SETÚBAL Castelo de S. Felipe

A caminho da Torre do Outão, ao lado direito da estrada, alcandora-se o Castelo de S. Felipe no cimo do monte.

A sua negra silhueta, que a pátina do tempo mais escureceu, destaca-se no morro altaneiro e mira-se nos longes, como sentinela vigilante que espreita e se apronta para defender.

Quem lá subir por íngreme ruela, tortuosa e escalarada, pode levar a certeza de que vai observar um dos mais suntuosos panoramas de Portugal.

A vista espraia-se em frente, à esquerda e à direita; e é tal a diversidade dos quadros fantásticos que bendirá a hora da escalada.

Dali se avista a cidade, a majestosa baía, o estuário deslumbrante que maravilha, a Troia fronteiriça, a barra do Sado, a estrada em torcicolos, as encostas salpicadas de *chals*, a vegetação dos contornos, Albarquel, outras pequenas praias e recantos, e a emoldurar os horizontes luminosos a esplendorosa Serra da Arrábida, — essa pérola que tudo ilustra e valoriza.

O vetusto castelo, a um quilómetro da cidade, evoca a história pátria e é um verdadeiro monumento de arquitectura militar.

Construído pelo arquitecto Felipe Tersi, que viera para Portugal no reinado de D. Sebastião, data de 1590. Essa construção efectuou-se, portanto, no reinado de Felipe I.

Ainda ali se vê uma ca-

(Continua na página 4)

Crónicas Inquietas - 38

Impressões posteriores

POR ÁLVARO VALENTE

Vão ainda mal extintos os ecos das comemorações da Festa da Família.

As festividades natalícias foram significativas, e é indiscutível que o Sentimento vibrou nelas como os sinos dos campanários pelas aldeias sertanejas.

Durante algumas horas foi um facto a solidariedade humana.

Enfeitaram-se as «árvores do Natal» e distribuíram-se por milhares de crianças brinquedos que as endoidaram; organizaram-se bodos e deu-se aos contemplados um pouco mais de abundância; houve representações para os doentes e impossibilitados; cantaram-se loas e ergueram-se as almas; dir-se-ia que uma onda eufórica de bem fazer cobriu os ares e atravessou os corações.

Nas chaminés, enfileira-

ram os sapatos para a ilusão sentimental que obriga os pequenitos a vigílias e a entusiasmos. Nas mesas, repimpam-se as alegrias e os desejos. Compareceram os «sonhos» de farinha e de devaneios. Fulguraram as velas dos presépios e os copos alambreados. Os doces encheram as travessas e espalharam risos de salmódias pelas assistências.

Viveram-se instantes que valeram por dias. Viveram-se dias que valeram por anos. As gentes impregnaram-se de Amor pelo próximo e as famílias deram o exemplo flagrante da Beleza Espiritual.

A Besta Ferina encolheu-se a bom recato. Mal dela se então surgisse. Seria um coro unísono de reprovações e de esconjuros!

(Continua na página 5)

Manuel Rovisco
Interrogação

O mundo somos nós,
O nosso drama
E a nossa solidão...

E se vieres, poesia,
Vem como um grito irreprimido
Na sequência de grave melodia
E saborosa como a Dor
Dum caminho jamais percorrido...

— Abraçando a Angústia do inerte Nada,
As catadupas do sonho,
O âmago da inconstância,
A brisa do segredo que reside em nós
Sem lhe descortinarmos a mínima fragrância...

E quantas vezes nos encontramos
Sem nos procurarmos?

Manuel Rovisco



Setúbal

Castelo

de S.

Felipe

Exmo. Sr. Manuel Giraldes da Silva
RIO FRIO

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sausa Correia

CLÍNICA DENTARIA

Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

MÉDICO VETERINÁRIO

R. Luís de Camões - MONTIJO
Telefone 026 502

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50;
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. harneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 026038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Organizações

Progresso

Oiçam todas as 3.ªs feiras às
13 horas, através do Clube
Radiofónico de Portugal, o
programa «REVISTA DES-
PORTIVA», uma produção de
Fernando de Sousa, com o
patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que se fala do
desporto e a favor do desporto.
Brevemente no ar o programa
TOUROS, TOUREIROS, E
TOURADAS — um programa
em que se diz a verdade sobre
Festa Brava. Para a sua publi-
cidade consulte

Organizações Progresso

Trav. da Bica aos Anjos, 27-1.º
Telef. 731315 LISBOA

MONTIJO

Concelhos Ribeirinhos

da margem sul do Tejo

VII

E mais adiante:
«Declaramos primeiramente
nos ditos lugares senam auer
de pagar agora, nem em ne-
hum tempo, nenhum direito,
etc.»

Ora, dar foral a uma vila
que viera em comum com ou-
tra, e conceder pouco depois
foral à segunda, englobando
ambas, era estabelecer um de-
plorável conflito de jurisdição

municipal. Foi o que socedeu.
Entretanto, cada uma foi,
tempos em fora, vivendo com

Por

João Luís da Cruz

o seu foral, enquanto lhes não
foi decretada a separação, o
que se verificou em 17 de No-

«A Província» N.º 97 - 17-1-1957

Pintos, Limitada

Por escritura de 4 de Dezembro
de 1956, lavrada afis. 20 e seguin-
tes do respectivo livro n.º 4 B. do
Cartório Notarial de Montijo, entre
Sérgio dos Reis Luz Pinto, Amé-
rico da Luz Pinto, Henrique José
Ferreira de Morais de Carvalho, e
Joaquim José Luz Pinto, foi cons-
tituída uma Sociedade Comercial
por cotas de responsabilidade limi-
tada que será regida pelas cláusulas
e condições dos artigos se-
guintes:

1.º
A Sociedade adopta a firma
«PINTOS, LIMITADA», tem a sua
sede e domicílio em Montijo, no
sítio do Afonsoeiro;

2.º
A sua duração é por tempo
indeterminado, contando-se o seu
início, a partir do próximo dia um
de Janeiro;

3.º
O objecto da Sociedade é a in-
dústria de preparação de cortiça,
podendo, dedicar-se a qualquer
outra modalidade de indústria ou
comércio que resolva explorar e
que não dependa de autorização
especial;

4.º
O seu capital é de 100.000\$00,
em dinheiro, que, já deu entrada
na Caixa Social e corresponde à
soma de 4 quotas de 25.000\$00
subscritas, por cada um dos sócios;

5.º
A cessão total ou parcial de
quotas a favor de sócios é livre-
mente permitida. Mas a cessão a
estranhos fica dependente do con-
sentimento da Sociedade e dos
outros sócios, tendo aquela em
primeiro lugar e estes em segundo,
o direito de preferência;

6.º
A administração da Sociedade e
a sua representação em juízo e
fora dele, activa e passivamente,
incumbe a todos os sócios, os
quais ficam desde já nomeados
gerentes, com dispensa de caução,
sendo necessário, para que a So-
ciedade fique obrigada, que os
respectivos actos e documentos
sejam assinados por 2 dos geren-
tes, conjuntamente, um assinando
o nome da firma e o outro o nome
individual.

7.º
Os documentos de mero expe-
diente poderão ser assinados por
qualquer dos gerentes sob carimbo
da firma;

8.º
E, expressamente, vedado aos
gerentes usar da firma em do-
cumentos, contractos e actos es-
tranhos aos negócios da Sociedade,
especialmente em letras de favor,
abonações, fianças, e responsabi-
lidades semelhantes, sob pena de,
o que infringir este preceito, res-

ponder, pessoalmente, pelo que
assinar, e ter de indemnizar a So-
ciedade, por todos os danos, que,
com tal acto, lhe causar;

9.º
Os balanços dar-se-ão em 31 de
Dezembro de cada ano, e os lucros
líquidos que se apurarem, dedu-
zida a percentagem de, pelo menos,
5% para a formação ou reinte-
gração do fundo de reserva legal,
ou os prejuízos, havendo-os, serão
divididos ou suportados pelos só-
cios na proporção das suas res-
pectivas cotas;

10.º
A sociedade dissolve-se nos ca-
sos, taxativamente, marcados na
lei. Dada a dissolução, a respectiva
liquidação e partilha se procederá,
como os sócios deliberarem e for
de direito, no caso de falta de
acordo ou quando qualquer deles
pretender o estabelecimento social,
esté com todo o seu activo e pas-
sivo, será licitado verbalmente
entre os sócios e adjudicado àquele
que mais oferecer.

11.º
No caso de falecimento ou inter-
dição de qualquer dos sócios, os
seus herdeiros ou representantes
continuarão na sociedade, se eles
e a sociedade assim acordarem na
falta de acordo, a sociedade amori-
zará a respectiva cota, fazendo-a
pelo valor que lhe corresponder,
segundo balanço a que, para o
efeito, então, se procederá;

§ ÚNICO

Se os herdeiros do sócio falecido
continuarem na sociedade, deverão
exercer em comum, por intermê-
dio de um só, por todos escolhido,
os respectivos direitos, enquanto
a quota estiver indivisa;

12.º
As assembleias gerais, quando
devam reunir-se e a lei não pres-
creva outras formalidades, serão
convocadas por carta registada,
aos sócios dirigida, com aviso de
recepção, com a antecedência de 5
dias, pelo menos, indicando o as-
sunto a deliberar;

13.º
Em todo o omissis regularão as
deliberações dos sócios, devida-
mente tomadas e constantes de
actas e as disposições legais apli-
cáveis, nomeadamente a lei de 11
de Abril de 1901. E pelo quarto
outorgante Joaquim Mendes Pinto
Júnior, foi ainda dito: Que a
quantia de 25.000\$00 com que seu
filho Joaquim José Luz Pinto,
subscreveu a sua respectiva cota,
nesta Sociedade, foi oferecida por
ele outorgante, para o fim especial
da sua entrada como sócio na
mesma digo 1901.

Montijo, 31 de Dezembro de 1956.

O Ajudante do Cartório,
Manuel Cipriano Rodri. Futre

vembro de 1539, por meio de
uma escritura de contrato
amigável entre as câmaras de
Aldeia-Galega e Alcochete, la-
vrada nas notas do tabelião
público desta vila na igreja
de Nossa Senhora da Sabonha,
perante os Juizes Ordinários,
vereadores, procuradores dos
concelhos e outros homens
bons do povo de ambas as
villas».

O motivo oficial da separa-
ção, já autorizada por D. Ma-
nuel e D. João III, com a inter-
venção do infante D. Jorge,
mestre da Ordem de Santiago,
baseou-se no «progressivo au-
mento que a povoação fazia
em cada uma das villas». E,
assim, assentou-se que a vila
de Alcochete e os seus mora-
dores ficassem com a igreja de
Santa Maria da Sobonha e a
administração dela com todos
os seus ornamentos e coisas
que lhe pretencessem, contan-
to que largassem de si e tres-
passassem todo o direito, posse
e propriedade que sempre
tinham tido e tinham na ermi-
da de Nossa Senhora da Ata-
laia e administração dela, do
que logo desistiram, trespas-
sando-a de si e renunciando-a
em mãos e poder dos morado-
res da vila de Aldeia-Galega,
com a condição de que a casa
que a confraria possuía na
Atalaia estivesse ao dispor
sempre da mesma e dos mora-
dores de Alcochete quando fi-
zessem a sua romaria, ficando
a administração da mesma
casa a cargo dos moradores
de Aldeia-Galega e as suas
chaves na mão do ermitão,
«que sempre há de estar, e por
estes se há de pôr e apresen-
tar». Este acordo foi confir-
mado, por carta do Mestre da
Ordem de Santiago, a 10 de
Janeiro de 1540.

Estava, pois, definitivamen-
te feita a separação das juris-
dições das duas villas. Agora,
cada uma seguiria a sua vida
municipal autónoma. E onde
se situava a velha igreja de
Santa Maria da Sobonha, elo
quebrado da união de todas
as póvoas e villas ribeirinhas,
antigamente dependentes de
Palmela e Alhos Vedros e, de-
pois, integradas no «concelho
de Ribatejo», iria nascer o mos-
teiro de Nossa Senhora do So-
corro de frades recolectos da
Província do Algarve, mostei-
ro que veio a desaparecer com
a extinção das ordens religio-
sas em 1834. Está hoje nesse
sítio, onde ainda sobrepaira o
místico aroma da crença que
não morreu, uma aldeia — a de
S. Francisco.

(Continua)

Explicações

Liceu e Comércio. Exames
admissão. liceu e escolas técnicas.
Rua João Pedro Iça, 64 - Montijo.

Carestia da vida

Depois de os carapaus
terem chegado a dez e a
doze escudos o quilo, tam-
bém a pescada não quis ficar
atrás e chegou a semana
passada aos trinta escudos!

E o carvão, talvez por
vir do Canal de Suez, au-
mentou também de preço...

Foi para nos darem as
Boas Festas, certamente...

Onde eles levarão tudo
isto, é que nós não sabemos.

Lá se irão riscar de assi-
nantes do nosso jornal mais
dois ou três.

Este é o processo muito
sabido.

O pior é que continuam os
preços a subir e segue tudo
como dantes.

Ainda se ao menos se ris-
cassem de assinantes e os
preços baixassem, enfim,
sempre ganhávamos alguma
coisa com isso.

Mas, espera que já...

Daqui a pouco, será ainda
pior. Pois então?!

Inacreditável

Na noite de 9 para 10 do
corrente um meliante qual-
quer assaltou a barraca do
pobre Júlio engraxador e
roubou-lhe duma caixa a
quantia de 14\$50, além dou-
tras patifarias que ali fez.

Não bastava ao infeliz o
ser pobre e aleijado, ainda o
vão roubar nas suas peque-
nas economias.

É pena que a Polícia não
consiga descobrir o autor da
proeza, para que tivesse a
merecida recompensa de tão
bela acção.

Sempre há cada herói neste
mundo!

Até envergonham o género
humano...

Ainda as Boas Festas

Em aditamento às nossas
referências às pessoas e en-
tidades que tiveram a genti-
leza de nos enviar seus
cartões, anotamos mais os
seguintes:

O nosso distinto colabo-
rador Soeiro da Costa, Pon-
te de Lima; o nosso prezado
colaborador João Calazans,
de Lisboa; e o «Aposento do
Barrete Verde», de Alcochete.

A todos, o nosso afectuoso
agradecimento.

SANFER, L. D A

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao
cyclone - FERROS para construções, ARAMES,
ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimen-
tos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Ca-
minho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

JANEIRO

— No dia 10, a menina Laurinda da Conceição Marques, irmã do nosso funcionário Joaquim Eduard da Conceição Marques.

— No dia 13, a sr.^a D. Isaura Maria da Cruz Leitão, mãe do nosso prezado assinante sr. João Carlos da Cruz Leitão.

— No dia 17, o sr. José António Resina, nosso estimado assinante.

— No dia 18, o sr. Patrício Luís da Silva, nosso muito prezado assinante em Montijo.

— No dia 19, completa 11 anos o menino José Francisco Martins Luz, filho do nosso dedicado assinante sr. Francisco Luz Brito.

— No dia 20, a menina Margarida Ferreira da Cruz, irmã da nossa dedicada assinante sr.^a D. Margarida Ferreira.

— No dia 20, o sr. Jorge Manuel Marques Peixinho, filho do nosso estimado assinante sr. Manuel Marques Peixinho Junior.

— No dia 21, o sr. Álvaro Luís Roger da Costa, filho do nosso estimado assinante sr. Pompeu Lourenço da Costa.

— No dia 22, o menino Joaquim Fernando Ferreira da Cruz, irmão da sr.^a D. Margarida Ferreira, nossa estimada assinante.

— No dia 22, a sr.^a D. Adalgisa Rosado Marques Peixinho, esposa do nosso estimado assinante, sr. Manuel Marques Peixinho Junior.

— No dia 23, o menino Jorge Manuel Caria Peixoto, filho da nossa prezada assinante sr.^a D. Ana Caria Peixoto, residentes em Coimbra.

— No dia 25, o menino Avelino José Valador Baliza, neto da nossa prezada assinante sr.^a D. Balbina Isaura Pialgata.

Nascimento

— Em Lisboa, no dia 3, deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a sr.^a Dr.^a D. Maria Tereza Rodrigues Prazeres Milheiro Sidónio de Sousa, esposa do nosso prezado assinante sr. Eng.^o António Sidónio de Sousa, Chefe da Secção Técnica da Câmara Municipal de Montijo.

Desejando muitas felicidades para o neófito, apresentamos sinceros parabéns a seus pais e a seus avós maternos, sr. Tenente Coronel João dos Prazeres Milheiro, comandante militar de Penamacor, nosso dedicado assinante, e Ex.^{ma} esposa, sr.^a D. Ilda Rodrigues Prazeres Milheiro.

Concurso

Hora Feliz

O Relógio, do Concurso da Relojoaria e Ourivesaria Contramesstre, na Praça 1.^o de Maio, em Montijo, parou nas:

6 horas e 7 minutos

E por isso mesmo, foi contemplada a sr.^a D. Edmunda Vaula Alves Aleixo, R. Damião de Pinho, n.^o 33, Montijo.

— Habilite-se, não guarde para amanhã o que pode fazer hoje, e verá que assim, na próxima semana, poderá receber o prémio do CONCURSO HORA FELIZ!

MONTIJO

ÚLTIMA HORA

Segundo consta, a Rainha de Inglaterra, Isabel II, na sua próxima visita a Portugal, que se realiza em 16 de mês de fevereiro, desembarca na Base Aérea de Montijo e segue por esta vila para Setúbal.

A ser verdade, é motivo para nos desvanecermos com o facto, ao mesmo tempo que fazemos votos para que tal se verifique.

AGRADECIMENTOS

Mário Guerreiro

Maria Amália da Conceição, Odete Covelo Nogueira, Isabel da Conceição, seu marido, Manuel de Sousa Nogueira, e Armando José Covelo, vêm por este meio agradecer, por desconhecimento de moradas, a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada o seu chorado tio. A todos, o maior reconhecimento.

Mario Helena Silva Oleiro Carrusca

José Miguel Carrusca, Jesuína Maria da Silva, Maria Júlia Oleiro Lucas, Artur Lucas, e demais família, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que de qualquer forma se interessaram pela doença, e acompanharam à última morada, a sua chorada esposa, filha, irmã, cunhada, e parente. A todos, o maior reconhecimento.

António Oliveira Rosa

António Salazar Rosa e Elvira Oliveira Salazar, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela doença de seu filho e a todos que o acompanharam à sua última morada. A todos, a maior gratidão.

António Baltazar T. Rodrigues

Missa da 30.^o dia e Agradecimento

Alda da Veiga Marques Rodrigues, Maria de Lourdes Rodrigues Ascensão, seu marido e filhos (ausentes), Maria Adelina Rodrigues Ferreira, seu marido e filha, participam que no próximo dia 20 do corrente será celebrada na Igreja de S. João de Brito (Alvalade), às 11 horas, missa do 30.^o dia pelo eterno descanso do seu querido Marido, Pai, Avô, e Sogro, agradecendo a todos que assistirem a tão piedoso acto.

Agradecem por este meio, por ignorarem muitas moradas, a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada.

Igualmente aqui deixam o testemunho de gratidão a todos que por qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

O trânsito em Montijo

Por portaria publicada no «Diário do Governo» de 6 de Dezembro passado, foi aprovada a nova regulamentação do trânsito na nossa terra, segundo as deliberações camarárias de Junho e Novembro de 1956.

Aconselhamos aos interessados a leitura do respectivo edital que está afixado nos lugares habituais, pois esta regulamentação é agora oficial e definitiva.

O mesmo edital estabelece também os parques de estacionamento, a condução dos velocípedes, disposições diversas, e as penalidades, e entra em vigor logo que termine a sinalização.

É totalmente impossível transcrever todas as disposições desse edital, dada a sua extensão, pelo que nos limitamos a noticiar o facto e a chamar a atenção dos nossos leitores para a sua importância.

Agradecimento

Restabelecido da doença, que me obrigou a sujeitar a intervenção cirúrgica urgente, venho por este meio, e na impossibilidade de o fazer pessoalmente, agradecer muito reconhecido a todas as pessoas amigas que me visitaram ou que de qualquer maneira se interessaram pela marcha da doença e me desejaram boas melhoras. A todos, me confesso muito agradecido.

Montijo, 6 de Janeiro de 1957
António Joaquim Marques

Câmara Municipal de Montijo

Venda de lixos

Faz-se público que até ao dia 31 de Janeiro corrente, pelas 17 h. se recebem propostas, nas condições patentes na Secretaria Municipal, para a venda de lixos produzidos pela limpeza desta vila durante o ano de 1957, sendo a base de licitação de 38.000\$00.

Montijo, 9 de Janeiro de 1957
O Presidente da Câmara
(a) José da Silva Leite

Junta de Freguesia de Canha

Empreitada de construção da sede

Faz-se público que no dia 5 de Fevereiro próximo, pelas 16 horas, se realiza este concurso, estando o projecto e mais elementos patentes na sede desta Junta e na Secção Técnica da Câmara Municipal de Montijo, durante as horas de expediente.

Canha, 14 de Janeiro de 1957.

O Presidente da Junta,
a) José Nunes Soldado



TELEVISÃO

Agente:

A. Ventura & Filho, L.^{da}

R. Guerra Junqueiro, n.^o 4
Telef. 026495 MONTIJO

ACIDENTE DE VIAÇÃO

No dia 12 do corrente, pelas 8,30 horas, Fernando António Pereira Ferreira, solteiro, lubrificador, natural de Vila Franca de Xira, e empregado da estação de serviço Montijauto, apossou-se do automóvel de Walter Conrad, de nacionalidade alemã, e resolveu dar um passeio.

Já no regresso foi embater num poste de iluminação pública, na rua Dr. Manuel da Cruz Junior, ficando o veículo muito danificado e o poste partido, dando um prejuízo avaliado em 2.150\$00.

O condutor, que afinal não tinha carta, nem autorização do dono para levar o veículo, foi entregue a Juízo pelo P. de Segurança Pública.

LUTUOSA

No dia 11 do corrente faleceu em Montijo a sr.^a D. Maria de Assunção Pereira Coutinho Salgado, de 80 anos, viúva, mãe dos srs. António Luís Pereira Coutinho Salgado, Augusto Pereira Coutinho Salgado, e João Pereira Coutinho Salgado.

O funeral realizou-se no dia seguinte pelas 16 horas e 30, saindo o cortejo fúnebre da Igreja da Misericórdia.

Até o cemitério e até o jazigo de família, onde a extinta ficou na sua última morada, foi o funeral acompanhado por muitas centenas de pessoas de todas as camadas sociais, entre as quais muitas senhoras.

A toda a família de luto, a seus filhos, esposas, netos, genro, irmã, e tia, «A Província» apresenta as suas condolências, nomeadamente aos seus prezados assinantes que fazem parte da ilustre família.

No passado dia 5 do corrente faleceu o sr. José António Morgado, de 86 anos, viúvo, proprietário, e natural de Montijo.

O funeral realizou-se no dia seguinte pelas 17 horas para o cemitério local.

«A Província» apresenta à família enlutada os seus sentidos pésames e em especial ao seu dedicado assinante sr. João Ferreira Morgado e à sr.^a D. Maria Matilde Morgado Quintino, esposa do nosso redactor desportivo sr. Elisário Joaquim de Carvalho, e neta do extinto.

António Baltazar Tavares Rodrigues

Missa por sua alma

Mandada celebrar por filha e irmã, no dia 20, pelas 18 horas, na Igreja Matriz.

Dactilógrafo / a

Precisa-se, sabendo francês e inglês. Resposta -- Apartado, 4 -- Montijo.

Trespasa-se

— ESTABELECIMENTO de Fanqueiro, na rua J. J. Marques em Montijo.

Nesta redacção se informa.

Arrenda-se

— CASA para Farmácia ou qualquer outro ramo de negócio, bem situada, dando para a rua C e F. Afonsoeiro, com casa de habitação ao lado de 5 divisões. Redacção informa.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.^a-feira, 17 — *Moderna*

6.^a-feira, 18 — *Diogo*

Sábado, 19 — *Giraldes*

Domingo, 20 — *Montepio*

2.^a-feira, 21 — *Moderna*

3.^a-feira, 22 — *Diogo*

4.^a-feira, 23 — *Giraldes*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.^a-feira — às 8,30 e 9 horas.

6.^a-feira — às 8,30 e 9 horas.

Sábado — às 8,30 e 9 horas.

Domingo — às 8, 9, 10, 11,30;

11,30 (Atalaia); 18 Montijo.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.^a feira, 17; Um filme de suspense em VistaVision e Technicolor, «A Ilha do Inferno», com John Payne e Mary Murphy, em complemento, um filme de Dean Martin e Jerry Lewis, «Eles... no Colégio».

6.^a feira, 18; Uma reprise de categoria, com Arturo de Córdova e Marga Lopez, «Minha Esposa e a Outra», com complementos curtos e Revista Paramount.

Sábado, 19; Um filme de acção e violência, com Perry Lopez e Beverly Garland, «Almas Negras»; no programa, complementos curtos.

Domingo, 20; Um filme que convulsionou o mundo, «Gilda», com Rita Hayworth e Glenn Ford, uma produção que não necessita de adjectivos; no programa, complementos curtos.

2.^a feira, 21; Um filme italiano feito por americanos, com Silvana Mangano, Sophia Loren, Vittorio de Sica, Totó e Paolo Stoppa, «Oiro de Nápoles»; no programa, complementos curtos.

3.^a feira, 22; Um filme de Totó, eis tudo! «Totó no manicómio», e um filme de Ana Magnani, «A Comédia e a Vida».

4.^a feira, 23; Um drama empolgante e em suspense, «Ángela», com Mara Lane, Dennis O'Keefe e Rossano Brazzi; no programa, complementos curtos.

5.^a feira, 24; Um filme em cinemascópio e technicolor, de ficção científica, «Ano 2508», fantasia ou realidade futura?; em complemento, a engraçadíssima comédia, «Passa Paredes», e Revista Paramount.

CINEMA 1.^o DEZEMBRO

Sábado, 19; (Para 18 anos) Um filme policial de violência, com Dennis O'Keefe, «Chicago, Império do Crime», e a comédia dramática italiana, «Amanhã será mãe...».

Domingo, 20; (Para 13 anos) O assombroso filme em cinemascópio, com Burt Lancaster, «Homem até ao fim», e lindos complementos curtos.

Às 18 horas espectáculo para crianças, (ver programa).

2.^a feira, 21; (Para 13 anos) O grandioso filme de série, «A Mulher Tigre», 12 gigantescos episódios, 25 intrigantes partes.

4.^a feira, 23; (Para 18 anos) O grande actor atleta Tony Wright, o zaragateiro que suplantou Edie Constantine, num filme de aventuras com lindas mulheres, zaragatas, pancadaria e galantaria, «O Eterno Masculino».

Ovos de incubação

De pura raça inglesa (Sussex). Recebem-se encomendas.

Jacinto Levy Ramos Dias Telf. 026 247-R. Almirante Reis 116-118

— MONTIJO —

Sociedade Alentejana, L.^{da}

Rua Serpa Pinto, N.^o 96 = Telef. 026161 = MONTIJO

Fábrica de Carnes fumadas e Charcuterie

Reabriu sob nova gerência as suas instalações e espera receber a visita de todos os seus Ex.^{ms} clientes e amigos.

POR TERRAS GALEGAS

A todos os meus companheiros de viagem

O R E N S E

XIV

Quem observar mais atentamente a cidade, da Praça Maior, logo se convence de que está dividida em duas partes distintas: uma, ainda mais antiga, com restos de palácios e solares de antano, com janelas baixas e balcões velados; outra, onde a mão do progresso e do turismo já venceu sua passagem. Nessa Praça se juntam as ruas laterais do sul e do norte, formando com ela um conjunto matizado que bem denota as diferenças duma e doutra parte.

A Praça, propriamente dita, tem proporção, tem alegria, tem particularidades que lhe dão distinção e movimento. Os pórticos chamam a nossa atenção. As casas baixas, dum só andar, são curiosas. Há em tudo uma claridade da pedra lavrada que anima e dá vida, aos vários aspectos.

Em contrapartida, Orense estende-se modernamente para o Minho, com ruas espaçosas, construções recentes, talvez dos fins do século passado, onde estadeiam agora hotéis, armazéns de comércio, o edifício da Deputação Provincial, o palácio do Episcopado, o passeio da Alameda com seus três arruamentos de plátanos sobre a Barbanha. Da Praça Maior relanceamos a Catedral, num correr de vista que pouco nos deixa analisar.

A fachada mostra indícios de modificações. Tem uma única torre e uma roseta interessante. Três arcadas dum lado, outras três do outro. Todas elas ornamentadas e com os pórticos de certo modo artísticos, anjos, estátuas religiosas, grupos do Juízo Final, apóstolos, etc.. Pouco mais podemos observar.

Ainda espreito ao pórtico de entrada, semicerrado. Vejo o interior em naves suntuosas, altas colunas e pilares. Capelas aos lados. Obras de talha a luzir, imagens iluminadas.

No chão leio uma inscrição da sepultura de D. Miguel de Canabal, — bispo que ofereceu à Catedral a custódia, falecido em 1611. Diz-me um espanhol, que me viu a ler a inscrição, que esta sepultura é precisamente igual à do arcebispo S. Clemente, de Santiago de Compostela.

Do meu rápido exame concluo que, em conjunto, a catedral de Orense, sem grandes problemas de construção, oferece um interior de luminosidade equilibrada e majestosa.

Ainda relanceio também a ponte. Ao castelo de Maceda nem penso ir. Fica longe e não há tempo. Dizem-me que a ponte é uma legítima glória de Orense, de fundamentos romanos, tendo o arco central quase trinta e oito metros de altura. Dizem mais que é a

mais bela e a mais atrevida de Espanha. Teve importância estratégica na defesa de Orense contra as tropas do duque de Lencastre, e ainda no movimento liberal de 1820, quando foi acom-

Crónicas e Reportagens
por
ÁLVARO VALENTE

tida pelas tropas de Azevedo, sofrendo então várias destruições.

Será tudo assim, não o duvido; mas aproxima-se a hora da partida e em breve deixaremos a Galiza, em direcção a Valença, em direcção à nossa querida terra de Portugal.

Almoçamos a toda a pressa. O almoço foi um pouco melhor do que o jantar do dia anterior. Parecia que a dona da Pensão nos queria dar uma última lembrança como *recuerdo* da viagem... Alguns companheiros pedem mais, e no fim pagam em duplicado! Ficou tudo pela manteiga que nos rparam...

Ainda não contei esta? Pois lá vai:

— O pequeno almoço não tem manteiga para o pão. É tomar o Café e comer o

pão seco. Como tínhamos uma lata com manteiga, para a viagem, foi-se lá buscar e comemos o pão com manteiga, à nossa moda.

Ao acabarmos, deixamos a lata em cima da mesa.

Saimos, e quando voltamos para o almoço a lata lá estava no mesmo lugar onde a deixáramos. Simplesmente, a manteiga é que tinha voado... A lata estava vazia!

Peripécias destas viagens que, se as não houvesse, não teriam graça nenhuma.

O autocarro espera à porta. A chuva parou de vez. O tempo está agora claro e deslumbrante.

Pagamos com «lingua de palmo» a hospedagem, — a bela e esplêndida hospedagem —, e despedimo-nos de Orense, da Galiza e da criada com aspecto de *carabinero*. Esta já vinha ao «portaló» à espera de *propina*... Vai esperando. Aquele sorriso verde ou amarelo, nunca mais me esquecerá. Era um sorriso de quássia, tresandando ao «fel amargo das minhas ilusões». E ainda à espera de gorjeta! Vai esperando. *Que mala pata vienes, cunho!*

Partimos. Vamos para a última etapa. Vamos a caminho da fronteira.

(Continua)

Quatro novos modelos «Peugeot» que são o expoente máximo da indústria

francesa

Acabam de ser apresentados no sul de Portugal, através de MOCAR, LDA. e seus Agentes na província, os 4 novos modelos dos automóveis PEUGEOT, que provocaram interesse quer na classe automobilística quer no meio comercial do nosso país. Três deles foram, pela primeira vez, exibidos em Portugal: O «Cabriolet», o «Station familiar 403» e o «Station comercial». Todos de nível sóbrio:

linhas elegantíssimas, desenhadas com alto sentido artístico.

O PEUGEOT «Cabriolet» é um carro de 1.500 c. c. de cilindrada, com 60 cavalos de força, 4 cilindros, uma taxa de compressão de 7,4 e pode desenvolver 143 Km. por hora. Este modelo prima pelo seu acabamento e tem uma suspensão que assegura o maior conforto. E, sem dúvida, um escapotável de excelente acabamento e dispõe entre 2 a 4 lugares.

O PEUGEOT 403 «Station familiar» tem 4 portas e oferece 7 a 8 lugares, pois é bastante espaçoso, não deixando de ser confortável.

O PEUGEOT «Station comercial», com 5 a 6 lugares para passageiros, pode ser facilmente convertível em auto para transporte de mercadorias até 650/700 Kgs. de carga. É uma vantagem praticamente muito importante.

O PEUGEOT 403 «Conduite», já conhecido do público português, volta a apresentar o mesmo interesse dos modelos anteriores: 5 lugares. E também convertível em auto cama.

Está, pois, de parabéns a MOCAR, LDA. e o seu Agente em Setúbal, sr. Hugo Quintas Delgado.

PORTUGAL PITORESCO

(Continuação da 1.ª página)

pela, revestida de azulejos que representam passagens da vida de S. Felipe e que datam de 1785.

Foi o artista Policarpo Bernardes, — o maior azulejista dessa época —, o seu autor.

É, pois, o local próprio para as veladas da M. P. que, nos momentos em que essa história nacional recorda os fastos notáveis, ali vai em homenagem ao passado e em afirmação de fé no presente e no futuro.

Mais que tudo, porém, o castelo de S. Felipe, alcançado no seu monte, é uma jóia preciosa engastada nesta coroa de belezas surpreendentes que se chama «Portugal Pitoresco».

José Teodósio da Silva

(Herdalra)

Fábrica fundada em 1900 (em idêntico próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9 MONTIJO

«A Província» — n.º 97 17/1/1957

Por escritura de 29 de Dezembro de 1956, lavrada a fls. 24 v. e seguintes do respectivo livro n.º 4 B. do Cartório Notarial do Montijo, foi alterado totalmente o pacto social da firma «PABLOS & TAVARES, LIMITADA», a qual passará a reger-se exclusivamente pelos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «PABLOS, LIMITADA» tem a sua sede no Montijo, e o seu domicílio, estabelecimento e fábrica na Rua António Rodrigues Pimentel, do Montijo, podendo estabelecer agências, filiais e sucursais onde for deliberado criá-los;

2.º

O seu objecto é o exercício de comércio e indústria de cortiças e seus derivados, podendo exercer quaisquer outros que a gerência determinar, excepto o bancário e seguros;

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado e os efeitos desta escritura contam-se desde um de Janeiro de 1957, data a partir da qual se montará uma nova escritura comercial;

4.º

O capital, integralmente realizado, é de 5.000.000\$00 constituído por 5 cotas, sendo uma de 500.000\$00 subscrita pelo sócio JOAQUIM GOMES PABLO, outra de 4.284.000\$00, subscrita pelo sócio Dr. JOSÉ RODRIGUES PABLO, outra de 100.000\$00, subscrita pelo sócio JOSÉ CARLOS DA COSTA PABLO, outra também de 100.000\$00, subscrita pelo sócio JOAQUIM JOSÉ TAVARES SILVA PABLO, e outra de 16.000\$00 subscrita pela Sociedade «PABLOS, LIMITADA».

5.º

Não haverá prestações suple-

PABLOS, LIMITADA

mentares obrigatórias, mas os sócios poderão fazê-las sempre que a sociedade delas carecer, só sendo restituíveis quando a sua situação económica financeira o permita;

§ ÚNICO

As prestações feitas nos termos do corpo deste artigo não vencerão qualquer juro, e a amortização ou liquidação será observada na proporção das prestações que hajam sido feitas;

6.º

A divisão das cotas fica sempre dependente de deliberação social;

7.º

A cessão de cotas, quer entre sócios, quer a estranhos fica sempre dependente do consentimento da sociedade;

8.º

A gerência dos negócios sociais, dispensada de caução, será remunerada pela forma que for deliberado em Assembleia Geral da sociedade, e será exercida por sócios ou não sócios, sendo todavia gerentes todos os sócios com capacidade jurídica para a exercerem;

9.º

Só a Assembleia Geral poderá designar a pessoa ou pessoas não sócias a quem devam ser confiadas funções de gerência, bem como determinar os limites e poderes que por mandato bastante devam ser conferidos, na certeza de que para obrigar a sociedade basta a assinatura d'um único sócio gerente, e de duas assinaturas quando de gerentes, não sócios;

10.º

É expressamente vedado à gerência, quer ela seja exercida só por sócios, quer não, fazer uso da firma ou obrigá-la por qualquer forma, em actos e contractos estranhos à sociedade, incluindo letras ou livranças de favor, fianças, abo-

nações ou quaisquer outras semelhantes;

11.º

Os anos sociais são os anos civis, e os balanços encerrar-se-ão em trinta e um de Dezembro de cada ano;

12.º

Os lucros líquidos apurados pelos balanços, depois de deduzidos cinco por cento para formação ou reintegração do fundo de reserva legal, e qualquer verba que os sócios deliberarem para quaisquer outros fundos, serão distribuídos pelos sócios na proporção das suas cotas;

13.º

As Assembleias Gerais, quer ordinárias, quer extraordinárias, serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com quinze dias de antecedência;

14.º

No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade poderá adquirir ou amortizar a cota do sócio falecido ou interdito, desde que exerça este direito nos sessenta dias posteriores ao evento, ou continuar com os herdeiros do falecido ou só com parte deles, ou com os representantes do interdito;

15.º

Além dos direitos consignados no artigo décimo quarto, é mais permitida a amortização de cota ou cotas sempre que a Assembleia Geral da sociedade, por uma maioria, pelo menos de setenta e cinco por cento do capital social, assim o delibere, obedecendo a amortização, em qualquer dos casos, às condições seguintes:

a) A amortização far-se-á à face do último balanço aprovado a quando da deliberação, devendo, a cota a amortizar, acrescer os fundos de reserva, bem como as prestações suplementares ou créditos que o titular da cota tiver

feito à sociedade; b) O valor da cota, apurada nos termos da alínea a), será oferecido pela gerência da sociedade ao sócio ou aos seus herdeiros ou representantes que outorgarão a competente escritura de amortização e pagamento da cota e de quitação; c) No caso de recusa ao recebimento voluntário, considera-se feita a amortização a partir do momento em que se efective o depósito da importância na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência;

16.º

A sociedade se dissolve nos casos previstos na lei, e no caso de liquidação serão liquidatários todos os sócios;

17.º

Todo o omissos será regulado pelas disposições da lei de 11 de Abril de 1901.

Montijo, 5 de Janeiro de 1957.

O Ajudante do Cartório, Manuel Cipriano Rodri. Futre

Pablos & Tavares, LIMITADA

Por escritura de 29 de Dezembro de 1956, lavrada a fls. 24 v. e seguintes do respectivo livro n.º 4 B. do Cartório Notarial do Montijo, foi elevado o capital social da firma PABLOS & TAVARES, LIMITADA, com sede nesta vila, que era de 100.000\$00 para 5.000.000\$00, tendo sido o reforço de 4.900.000\$00, subscrito pela forma seguinte:

O sócio JOAQUIM GOMES PABLO com 490.000\$00;

O sócio Dr. JOSÉ RODRIGUES PABLO com 4.214.000\$00;

O sócio JOSÉ CARLOS DA COSTA PABLO com 98.000\$00;

O sócio JOSÉ JOSÉ TAVARES SILVA PABLO, com 98.000\$00.

Montijo, 5 de Janeiro de 1957

O Ajudante do Cartório, Manuel Cipriano Rodri. Futre

Justa consagração de um sábio

(Continuação da primeira página)

compreendido e mais do que compreendido, tinha sido o feliz corolário de uma consagração à ciência médica portuguesa. E isto foi, sem dúvida, a melhor recompensa que pode receber em vida.

Através da magnífica sessão da Academia das Ciências, em que as vozes de douts sumidades se fizeram ouvir, evocando a gloriosa figura, não queremos deixar de destacar, pelo seu valor, as declarações de Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional que, plenas de vigor, teceram algumas considerações de ordem técnico-científica, — que impressionaram o auditório pela profundidade dos seus conceitos.

Mas a noite era de consagração à ciência médica e competia a esta, pela voz dos seus lídicos representantes, enaltecer a figura de um dos seus mais ilustres obreiros, cuja obra, que honra sobremaneira a ciência portuguesa, pertence já ao património do mundo científico.

Assim, o Professor Reinaldo dos Santos, cujo espírito continua a cintilar nos firmamentos da Medicina e da Arte, como estrela de primeira grandeza, honrou também a memória do sábio querido, salientando o significado e o valor das suas extraordinárias descobertas, pondó em destaque a gratidão que todos nós devemos aos espíritos, como o do homenageado, que, sózinhos, sem o auxílio poderoso dos grandes institutos e laboratórios experimentais, conseguem dar efectivação aos seus anseios e beneficiar a humanidade com o fruto das suas investigações.

Os Reitores das Universidades de Coimbra, de Lisboa, do Porto, e Técnica, pela ordem que apontamos, também prestaram a sua homenagem à obra e ao Homem, em pormenores curiosos da vida de Egas Moniz, não apenas no aspecto científico, mas ainda nos campos da literatura, da diplomacia, e da política, em que ele também sobressaía.

A ciência estrangeira, representada na sessão pelos Professores Walter Freeman, especialista Norte-Americano, e Lopez Ibor, especialista Espanhol, associou-se igualmente à homenagem, dissertando cada um dos oradores sobre o valor das descobertas de Egas Moniz e da repercussão que elas então tiveram no mundo da ciência médica.

Não nos podemos referir em pormenor, tão vasta e grandiosa ela é, à vida científica de Egas Moniz. Há qualquer coisa nela que merece estudo atento e bem profundo, sobretudo se tivermos em conta as condições quase primitivas com que o sábio teve de lutar de início para levar por diante o anseio das suas idealizações.

Mas, como muito bem analisou o Professor Reinaldo dos Santos, o homem dotado de excepcional talento deve ser explorado e não desprezado, porque são os homens

Por
ÁLVARO PEREIRA

da sua tèmpera que honram e dignificam a espécie humana. E alguma coisa fica, após a sua morte, a beneficiar a vida do semelhante.

Podemos mesmo acrescentar que a origem de todas as grandes descobertas se vislumbra através dos espíritos inconformistas, rebeldes a teorias e tradições empíricas, porque são eles, impelidos pela onda da insatisfação, que geram as grandes obras criadoras que virão amanhã beneficiar a humanidade.

Foi por isso que o Professor Doutor Barahona Fernandes, na sessão seguinte, ao analisar a obra do cientista, teve esta passagem que merece ser reproduzida: «ousadia prometeica que ficamos devendo ao génio inconformista de Egas Moniz — tentar libertar o homem das cadeias da loucura e da ansiedade, para voltar a florescer numa existência menos atormentada». Palavras quase proféticas, mas não menos verdadeiras.

A hora da sapiência soou

PELA IMPRENSA

— Com seu N.º 1863, de 5 do corrente, completou 45 anos de existência o nosso excelente Colega «Notícias da Covilhã», que nesta cidade se publica e de que é Director o sr. P.º José de Andrade.

Felicitemos e desejamos-lhe infinita vida e prosperidades constantes.

— «Os Transportes» — Acaba de completar 11 anos de existência este quinzenário de automobilismo, camionagem, aviação, caminhos de ferro, marinha mercante e actividades turístico-regionalistas. Em comemoração do facto publicou, juntamente com a sua edição de fim de ano, um excelente Número Especial consagrado à benemérita instituição de assistência *Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses*, para cujos cofres, e com destino à aquisição da Quinta N.ª S.ª da Vitória, em Camarate — futuro internato dos inválidos do volante — reverte o produto líquido do referido Número Especial, que teve a colaboração de várias entidades e organizações do ramo automóvel.

— Completou 23 anos de sua acção regionalista o «Jornal de Sintra», o qual,

na douda Academia. Este pensamento assaltou-nos o espírito logo que notámos a presença de alguns dos valores mais representativos da ciência portuguesa. E ele radicou-se ainda mais no nosso íntimo à medida que, como em curioso desfile, essas personalidades vinham à tribuna proferir a sua oração, que outra coisa não era, afinal, do que o depoimento sincero, eloquente, de almas reconhecidas ao génio do homem que fez da ciência o maravilhoso palco da sua vida.

Egas Moniz, que naquela mesma sala viveu horas de intenso júbilo, como Presidente da classe de Ciências, foi realmente exaltado, e se mais nada se pode acrescentar à sua glória foi porque essa se eternizou no dia em que o mundo da ciência escreveu com letras de ouro o seu nome imortal.

A gratidão do espírito não é uma palavra vã, poderíamos finalizar agora. E, realmente, numa época em que os valores espirituais sofrem afrontas sem par e esquecimentos, é deveras notável e digno de ser revelado o significado desta homenagem.

Júlio Dantas, príncipe da oratória, que em cada frase deixa vincada a imagem da beleza, foi o paladino desta consagração que fica na história da Academia das Ciências, por certo, como das mais brilhantes e das mais justas.

sob a inteligente direcção de António Medina Junior, tem o seu lugar vinculado na Imprensa Portuguesa.

Os nossos cumprimentos e um abraço de velho amigo, com os votos de dilatada e feliz vida.

— Com o N.º 124, de 1 do corrente, entrou «Praia do Sol», da direcção do jornalista António Correia, no seu 8.º aniversário. Parabéns e desejos de longa existência e das maiores prosperidades.

— Entrou no seu 3.º ano de vida o «Odemirense», de que é Director Alberto José de Almeida, com o qual gostosamente permutamos.

Cumprimentamos, por este facto, o nosso prezado Colega de Odemira e desejamos-lhe os mais prolongados anos de intensas felicidades.

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luis Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

M O N T I J O

Impressões posteriores

(Continuação da primeira página)

Houve, pois, sobre a Terra uma demonstração de Paraiso relâmpago que tudo dominou!

Contudo, as horas e os dias passaram. O Tempo inclementemente varreu a testada da aura efêmera e prosseguiu na tarefa destruidora.

Voltámos à normalidade. Acabaram-se os sentimentalismos e as broas; desapareceram as rabanadas e as filhós; regressou o vento normal que devasta as vontades e reacende os salceiros.

E já nos esconderijos salazes se conjuram as tramóias do costume.

Espreitam-se as encruzilhadas e traçam-se novos planos para os assaltos.

A Besta Ferina desceu do recato e calçou novamente os chinelos de trança com que palmilha os caminhos e trapaceia na vida.

Aí volve ela os olhos coruscantes para as vítimas. Estuda os projectos e risca mais plantas para as suas construções diabólicas.

—Hão-de pagar aquelas horas de illusórias venturas, de passageiras felicidades. Eu aqui estou para a vingança atroz!

E logo recomeça a luta confrangedora. E logo reful-

gem chispas de torpes avarezas, de indómitas ganancias, de insofridos desesperos.

Repete-se a cena da Morte. Quando alguém morre, todos filosofam: É nisto que tudo acaba. Merece bem a pena tanto sacrifício, tanta questão, tanto conflito, tanto ódio, tanta maldade! Vem a Morte e tudo resolve, tudo termina! Dali a pouco, porém, já os mesmos filósofos provocam novas questões, novos conflitos, novos ódios, novas maldades!

—Porque será que a atmosfera anterior não pode continuar, — pelo menos por parte daqueles que muito podem?

Porque será que este conta gotas há-de pingar apenas uma vez por ano?

Não quero dizer que a festa fosse permanente. Quero dizer que fosse permanente a solidariedade humana.

Ou terá que ser como o Dia de Finados, em que se choram os entes queridos compungidamente, para no dia seguinte os esquecer?

Não compreendo os homens. Não compreendo a vida.

Sou um imbecil!

Álvaro Valente

Publicações Recebidas

— *Noticiário* — Clube de Literatura Policial — N.º 2 — Outubro e N.º 3 — Dezembro de 1956.

Sumário da vida associativa e do Torneio Nacional de problemas policiais.

Agradecemos os exemplares que nos remeteram e bem assim as Boas Festas, as quais retribuimos.

— *Roteiro Profissional* — O Comércio no Chiado.

Director: *Jorge Piçarra* — Redacção: R. D. Luis 1.º, 8 — Lisboa.

Como o título o indica, o Roteiro refere-se àquela artéria lisboense, seu comércio, seus estabelecimentos, e até um pouco da sua história.

Aspecto gráfico com sensível progresso sobre os números anteriores.

Curioso, interessante, e principalmente útil para os próprios comerciantes.

Muito gratos pela deferência do exemplar enviado.

— *Boletim do Porto de Lisboa* — N.º 70 — Novembro de 1956.

Director: *Dr. Raul H. Lima Simões* — Cais do Sodrê — Administração do Porto de Lisboa — Lisboa.

Número dos mais interessantes.

Capa com o Terreiro do Paço há 2 séculos. Sumário variado, literário e cheio de notáveis ensinamentos. Movimento do porto. Resumos do Boletim em francês e em inglês.

O Boletim segue a rota projectada, com notório de-

envolvimento e seque interesse.

O nosso reconhecimento pelo exemplar remetido à Redacção.

— *Boletim da Casa do Alentejo* — Revista mensal ilustrada — N.º 237 — Janeiro 1957.

Director: *Dr. Victor Santos* — Sede: R. das Portas de Santo Antão, 48 — Lisboa.

Número do Ano Novo, esplendente de ilustrações apropriadas.

Página de Arronches, Cultura para todos, continuação dos 30 anos de acção cultural da Casa do Alentejo, página de Variedades, etc..

O Boletim da Casa do Alentejo segue no ritmo habitual, servindo a província alentejana e servindo, ao mesmo tempo, as letras pátrias.

Gratos pelo exemplar recebido.

— *Plateia* — Revista de Cinema — N.º 139 — Janeiro corrente.

Director: *Baptista Rosa* — Redacção: R. Saraiva de Carvalho, 207 — Lisboa.

Como sempre, Plateia notabiliza-se pelas reportagens, abundância de ilustrações e textos repletos de interesse.

O presente número encerra um sumário digno de registo.

Agradecemos o exemplar que nos remeteram e desejamos igualmente um Novo Ano muito feliz.

DESPORTOS *Basquetebol*

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Farense, 1 - Montijo, 1

Equipas:

MONTIJO = Redol; Valentim e Anica; Santana, Manuel Luís, e Serralha; Fábregas, J. Valentim, Veredas, Mora, e José Paulo.

FARENSE = Isaurindo; Reina e Calita; Fausto Matos, Celestino, e Bento; Brito, Campos, France-lino, Rialito, e Agostinho.

Árbitro = Hermínio Soares, de Lisboa.

Campo = de S. Luís, em Faro.

Houve, efectivamente, reacção. A turma montijense recuperou, em parte, a boa forma primitiva. O sistema de contra ataques seguros e velozes, como na primeira parte do encontro, era o indicado «fora de casa» e com um *team* como o Farense, colocado à cabeça da competição.

Aos 20 minutos, Veredas serviu Valentim e este marcou o 1.º golo.

Os do Farense desorientaram-se. Não esperavam, evidentemente, uma acção como a do Desportivo, depois do que se passara desde Coruche.

Entretanto, como costumamos sempre ser justos nas nossas crónicas, não deixamos de dizer que os algarvios, não obstante a inferior exibição deste encontro, também foram vítimas de grande falta de «chance».

Tiveram oportunidades que

perderam; e só na 2.ª parte, como castigo duma «mão» na grande área, obtiveram o golo do empate.

Dos montijenses há que destacar Redol, numa das suas boas tardes desportivas, e Veredas.

Dos do Farense, apenas nos agradou Reina. No primeiro tempo gostámos de Fausto; mas este jogador inferiorizou-se no 2.º tempo, sem qualquer explicação.

Neste 2.º tempo deu-se a expulsão de Fábregas por jogo duro e violento. Houve, no entanto, mais quem o praticasse sem que lhes aplicassem a mesma penalidade...

Seja, porém, como for. O Desportivo, empatou e voltaram as esperanças. São horas agora de certos amigos do Clube, — aqueles que rasgam os cartões quando se perde — voltarem à massa associativa, coisa que nunca compreendemos. Na adversidade é que se conhecem, afinal, os verdadeiros amigos...

Pois o Desportivo, com a jornada de Faro ficou em 2.º lugar na classificação geral, com 26 pontos, levando o Farense 30.

A arbitragem, à parte os «senões» indicados, foi satisfatória.

E agora, é necessário não perder o impulso que cria a fé. Assim o espera outra vez o

João di cá

— Jogo do Almada Desportivo de Montijo

O «Jornal de Almada», no seu número de 13 do corrente e pela pena de J. M. P., refere-se ao jogo realizado no dia 6 e a propósito faz afirmações que requerem o nosso o nosso mais formal desmentido.

Diz que o jogador José Bernardo, do «Almada A. C.», foi *intencionalmente* agredido pelo jogador Anica, do Desportivo de Montijo, quando *toda a gente* que assistiu compreendeu que o caso assim se não passou.

Classificando de «barbara» essa tal agressão, dirige-se ao árbitro e aos representantes dos jornais presentes, tendo para todos estes palavras de certo modo contundentes.

Quanto à parte que nos atinge, diremos ao autor da local que apenas vimos o que é vulgar em dezenas e dezenas de encontros, visto o futebol não ser jogo para senhoras, sem que observássemos essa *intenção* e essa *barbaridade*. No entanto, quanto se passou, ficou muito longe do que já vimos em Almada, noutros encontros com o nosso Desportivo...

As paixões, porém, conduzem a estes exageros.

O articulista até se esqueceu de quantos jogadores foram expulsos do campo, para aquilatar onde esteve a barbaridade...

João di cá

Columbofilia

CONVERSANDO COM *António Joaquim Lucas Catita*

Presidente da Sociedade Columbófila de Montijo

Prosseguindo na ingrata tarefa de pôr a nu a vida dos que à columbofilia têm dado o melhor de sua existência, vamos hoje focar um homem que há muito se impôs dentro da S. C. de Montijo.

Bom amigo, excelente camarada, suas qualidades morais e desportivas traduzem a nobreza do seu carácter.

Temo-lo visitado muitas vezes no seu lar, e quase sempre o encontramos junto de suas aves.

Trazia-mos na mente um montão de perguntas, no intuito de

— Quando esperam fazer entrega dos prémios, da campanha linda?

— Esperamos entregá-los por todo o mês de Janeiro, estando pendente de algumas ofertas que ainda não nos foram entregues.

— E para a nova campanha contam com muitas ofertas?

— Por enquanto poucas, mas espero que o comércio e a indústria em geral, à semelhança das outras terras, nos ofereçam, inclusive a Câmara Municipal, porque a Câmara de Almada oferece por ano 4 troféus às sociedades do concelho.

— Para a próxima campanha voltam a soltar no sul?

— Espero que sim; embora o calendário não esteja elaborado, temos todo o interesse, tanto no lado material como financeiro, esperando que outras sociedade do distrito sigam nossas pegadas, para poder-mos enviar um delegado oficial a todas as soltas.

— Tem na mente enviar aves aos internacionais?

— Como de costume, espero que sim, apesar de alguns amadores retraírem-se destas provas derivado às elevadas taxas, e muitos dias de encestamento.

— Tenho conhecimento que foi convidado para fazer parte do elenco directivo da Comissão Distrital de Setúbal, o que muito nos honra, como tesoureiro?

— Derivado à minha vida profissional, declinei, por não me poder deslocar com frequência a Setúbal. Contudo, espero que a nova comissão eleita corresponda aos anseios das sociedades, fazendo ver, junto da Federação, as precárias situações financeiras das sociedades.

Resultados do passado domingo

Campeonato de Reservas

Montijo, 2 - Cuf., 1

MONTIJO

Campeonato de Juniores

(2.ª fase)

Montijo, 2 - Cuf., 0

No próximo domingo:

Montijo - Barreirense

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Dr.ª Perpétua de Vilhena

CLÍNICA DE BOCA E DENTES

Consultas às: 3.ªs, 5.ªs, e Sábados.

— Preços de Policlínica —

Rue Ivens, 26 - 1.º

Telef. 25626 = LISBOA

— Pensava em mudar a sede para lugar mais central?

— Estamos esperançados nisso, o que seria o ideal, tanto no ponto de frequência, como de propaganda.

— Deseja dizer mais algumas palavras?

— Sinto um grande desejo, que muito facilitaria nossa missão: é que todos os amadores se comprometem dos seus deveres, esquecendo que, no ardor da luta, tem de haver o maior desportivismo, para engrandecer o nome da S. Columbófila de Montijo.

Eduardo Baeta

MONTIJO, 29 - CUF., 33

Jogo realizado no Montijo, no passado domingo, dia 13, a contar para o Campeonato Regional.

Sob a arbitragem dos srs. João Máximo e Hermínio Castro, as equipas alinharam:

MONTIJO: (12 cestas e 5 lances livres transformados em 15 tentados) Elisiário (9), Adelino, Adriano, Barreiras (7), Pinto (2), Heitor (2), Teodemiro (5) e Américo (4).

CUF: (11 cestas e 11 lances livres transformados em 32 tentados) Ludgero (14), Cabrita (2), Santos (4), Carvalho (10), Padrão, Rafael (2) e Luiz (1).

Rodeava-se de grande expectativa para a equipa da Cuf o resultado deste jogo. Sucedia que, se a Cuf ganhasse (o que se verificou), ficava apurada para disputar o Nacional da 1.ª divisão de parçaria com o Barreirense, e se perdesse ou empatasse seria a qualificação a favor do Luso.

Reconhecidas as habituais dificuldades que o Montijo oferece nos jogos contra a Cuf, ainda mais se avolumaram as apreensões com que esta equipa encarou a partida.

Daí resultou um encontro em que imperavam os nervos duma equipa e a calma doutra que buscava simplesmente fazer o seu jogo (o Montijo), sem quaisquer outras aspirações.

A escassa pontuação obtida é reflexo do que acabamos de dizer, assim como a mínima diferença sempre notada no marcador tornou mais emocionante o desenrolar do prélio.

Como se supõe, através das características diferentes como foi encarado, o jogo foi fraco. A quali-

dade inferior predominou e os lances de choque sucederam-se, dando aso a que a luta nos ressaltos fosse por vezes verdadeiramente violenta.

Ao fim e ao cabo ficou vencedora a equipa que melhor organização mostrou, apesar de ser a que mais responsabilidades acusava, e que, devemos dizer, merecidamente.

Em parte, algumas das coisas feias (atitudes de jogadores) que se observaram no decorrer deste jogo, foram por culpa do sr. João Máximo, 1.º árbitro do encontro, que mostrou possuir uma incompetência e desconhecimento das regras (será?... ou simples interesse no resultado?) a todos os títulos notórios. Soubemos estar presente um delegado da Associação e, sinceramente, gostaríamos de ler o relatório que este sr. enviou para os seus dirigentes acerca da arbitragem.

O outro árbitro, o nosso «amigo» sr. Hermínio Castro noutra exibição no Montijo, quase foi nula a sua actuação.

É adepto do Luso... mas, paciência sr. Hermínio quem mandou foi o árbitro chefe. Estávamos cientes que desta vez todos os benefícios seriam para o Montijo!

Outros resultados de equipas do C. D. M.

Juniores — no Barreiro Luso, 36 — Montijo, 31.

Reservas — no Montijo Montijo, 35 — Cuf, 35.

Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 15

Acertou em 12 resultados o Sr. João M. Carreira

Rua Manuel José Nepomuceno, 57 - MONTIJO

Cupão N.º 17

Acertou em 11 resultados o Sr. António Augusto P. Ribeiro

Rua Gago Coutinho, 29 - 1.º - Dt.º - MONTIJO

Prémios para o cupão n.º 19

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Aos que acertem em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pitho), mais uma oferta da SETEL, a maior casa em artigos eléctricos em Montijo.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 19

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Porto	Lusitano	Beja	Montijo
Covilhã	Cuf	«Os Leões»	Estoril
Sporting	Caldas	Arroios	Montemor
Académica	Atlético	Farense	Olhanense
Benfica	Belenenses	Almada	Portalegre
Torreense	Oriental	Olivais	Coruchense
Barreirense	Setúbal	Juventude	Portimone.

Nome

Morada

Localidade

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 27



tornar conhecidos os projectos da nova direcção. Amavelmente, António Catita se prontificou a ser entrevistado, para uma reportagem sincera, onde a verdade cristalina será apanágio desta, que outro destino não tem que não seja levar aos columbofilos as aspirações da direcção.

— Está satisfeito com o elenco directivo a que preside?

— Sim, todos os meus colegas são verdadeiras dedicações, estando esperançado numa boa campanha.

do Minho ao Guadiana

ALCOBAÇA

ESTREMOZ

A Associação Recreativa procedeu à eleição dos seus dirigentes para o ano de 1957. A lista aprovada foi a seguinte: *Assembleia Geral* — José Pereira da Silva, João Maria da Silva, e Afonso Pimentel. *Direcção* — Raúl Gameiro, Vitorino Carolino da Silva, Manuel Carreira dos Santos, José Colaço Pereira e Alberto Coelho. *Conselho Fiscal* — João Carolino, João Justino e António Araújo Trindade.

Também a Associação dos Bombeiros já tem directores para este novo exercício. São os mesmos do ano anterior, reconduzidos na sua totalidade conforme passamos a discriminar: *Assembleia Geral* — Eng.º João Maria de Sousa e Brito, Albertino Teixeira, e Alberto Tomás Correia. *Direcção* — Dr. José Ribeiro Coutinho, Leonel Belo, Hilário Pereira, e Arlindo Alves de Sousa. *Conselho Fiscal* — Joaquim Ferreira Gomes, Joaquim Duarte, e Arnaldo Olivença.

Prosseguem activamente os trabalhos de ampliação da Praça Dr. Oliveira Salazar, na parte fronteira à ala Norte da fachada do Mosteiro. Obra de grande vulto, é seguida com o maior interesse por parte de todos os alcobacenses.

Também a reconstituição das muralhas do Castelo tem sido motivo de romaria quase constante. Na verdade, trata-se doutro empreendimento digno de tal apreço.

No passado domingo, os bombeiros procederam a várias demonstrações sobre a eficiência dos novos meios de combate ao fogo. Espe-

ra-se que por todo este ano a mesma Corporação venha a dispor de um moderno auto pronto socorro.

A Câmara Municipal vai proceder à electrificação das povoações de Évora e Turquel, estando aberto concurso para fornecimento dos respectivos materiais e postos de transformação. Os cadernos de encargos estão patentes na secretaria dos Serviços Municipalizados. — (C.)

Sarilhos Grandes

Academia Musical União e Trabalho

Em assembleia geral, da presidência do sr. Geminiano Andrade Couceiro, foram eleitos para a Direcção desta colectividade, os srs. José Bento Tomás, presidente; José Augusto Machado, vice presidente; Manuel Maria Jorge Serrano, tesoureiro; Custódio Alegria Machado, 1.º secretário; António Diogo Carregosa, 2.º secretário; José Alegria Machado e José dos Santos Mingates, vogais.

Esta Direcção tomou posse no dia 8 do corrente, com grande assistência de sócios.

Cumprimentamos a nova Direcção e fazemos ardentes votos pelas maiores felicidades da Academia Musical União e Trabalho de Sarilhos Grandes.

Telefone 028 576

Para mais Fotografias

Foto Montijense

Banda Municipal

Tomaram posse os novos Corpos directivos da Banda Municipal de Estremoz, para gerência do ano de 1957, que são constituídos pelos cidadãos seguintes:

Assembleia Geral: — Alfredo Cortes Simões, Saturnino Martins e Carlos José Lopes.

Direcção: — Ricardo de Jesus Pereira, António José Parelho, Rafael dos Santos Grades, António Carlos Padre Santo, Joaquim António Chouriço, João de Jesus Mourinha e José Manuel Oliveira.

Conselho Fiscal: — Arlindo Augusto Mota Guerra, Leonardo Victorino Grazina e Armando Aníónio Jacinto.

Os novos Corpos Gerentes que encontram a Banda Municipal com falta de alguns elementos e sem regente, estão empenhados em resolver este grave problema, com a máxima brevidade, a fim de recuperar a sua antiga posição artística, de maneira a honrar as suas velhas tradições.

Desejamos portanto, aos novos directores, uma gerência próspera e esclarecida, de forma a manter a reputação da Banda Municipal de Estremoz.

Orquestra Típica Alentejana

Este agrupamento musical, que a direcção cessante da Banda Municipal fundou para colaborar com a mesma, desligou-se, e vai ter a sua sede própria, continuando a ser seu regente o nosso querido amigo e distinto Maestro sr. João Veiga.

Pelas muitas e deslumbrantes actuações que a Orquestra Típica Alentejana tem tido em algumas terras do País, incluindo a nossa capital, merece a todos os títulos uma vida longa e progressiva.

Doença

Encontra-se doente, retido no leito, o nosso estimado amigo sr. Abílio Augusto Maleita Jesus, conceituado Comandante dos Bombeiros Voluntários desta cidade.

Ao nosso amigo desejamos rápidas melhoras dos seus graves sofrimentos. — (C)

Calendários e Brindes

— De «A Confidente», a maior organização do país, — compra, venda, e hipoteca de propriedades —, com sedes no Porto e em Lisboa, recebemos a oferta de três calendários para o ano corrente, os quais muito agradecemos.

— Da «Casa das Vergas», de Francisco Cambolas, em Montijo, recebemos um calendário perpétuo, muito interessante, que também muito agradecemos.

— Da firma «Viúva & Filhos de Roman Sanchez», de Montijo, recebemos uma agenda de algibeira, da Mabor, que reconhecidamente agradecemos.

Este número de «A Província» foi visado pela
CENSURA

As pequenas Corporações

(Continuação da última pág.)

moravam em primeiros andares confortáveis, rodeados de certo luxo que assombrava!

Por todas estas razões, e ainda porque a minha tendência sentimental foi sempre para os fracos, para os modestos, para os simples, para os humildes, — talvez devido à minha origem —, dei sempre a maior solidariedade às pequenas Corporações de Bombeiros.

Essa solidariedade baseava-se e baseia-se na admiração que lhes votava e voto, pelo esforço que dispõem em prol do nosso ideal altruista, pela vontade indomável de prestarem serviços desinteressados ao próximo, pela tenacidade das suas convicções, pela persistência nos postos de combate às infelicidades alheias.

Sei bem que tudo isto se dá, mais ou menos, em todas as Corporações de Bombeiro; mas, as das cidades, as das vilas importantes as que vivem em ambientes mais afortunados, singram com mais facilidade, sempre conseguem desviar a atenção dos que melhor podem auxiliá-las, ao passo que as pequenas contam quase que somente com dedicações anónimas e com inúmeros obstáculos no caminho que trilham.

Interessante seria que aquelas pudessem socorrer estas.

Um movimento de solidariedade neste sentido ficaria como grandioso monumento da ideologia que todas professam, a atestar aos indiferentes, aos que nunca mais se convencem do significado moral e educativo das nossas colectividades, a profundidade desta mística.

Quantas coisas se desperdiçam e se põem de parte e que poderiam servir ainda para as congêneres, às quais tanto falta!

Desta tribuna desvaliosa mas denodada, onde a minha voz e o meu credo continuam intemeratamente a directriz marcada, lanço esta bem intencionada sugestão, com aquela sinceridade, embora por vezes crivada de desilusões, que sempre me distinguiu.

E, entretanto, cónscio da minha intenção, daqui dirijo às humildes Corporações de Portugal as minhas justiceiras saudações, com a certeza de que a todo o instante lhes dedico o pensamento e a mais profunda estima.

E assim ficarão também com a certeza de que alguém as acompanha em espírito, permanentemente, e faz votos pelas suas intensas prosperidades.

Álvaro Valente

N.º 39

Folhetim de «A Província»

17-1-957

Aldeia do Avesso

Por Álvaro Valente

— Tomas a camioneta da tarde, chegas à vila e procuras a minha casa, — a nossa casa! Já telefonei para lá e já te esperam. Em baixo, mora a ti Amélia, para quem levas uma carta minha. Instalas-te, ficas senhora de tudo, e nada te faltará. Levas agora dinheiro para as primeiras impressões; e eu, aos sábados, vou daqui ter contigo, passo lá os domingos e volto nas segundas de manhãzinha. Que dizes, hein?

— Pois sim, meu amor. Tudo menos ficar em minha casa e nesta terra de malvados...

Era, afinal, a Angélica substituída pela Ermelinda!

E ela, automaticamente:

— Sim... sim... sim...

— Vais ver que rica vida teremos, minha linda!

— Sim... sim... sim.

— Serás a minha princesa encantada no castelo da nossa felicidade!

— Meu amor!

— E quanto ao que me anunciaste, depois se verá como se há-de arrumar...

— Sim, meu amor...

E enquanto a fonte cantava a vida normal das bicas reluzentes, o idílio momentâneo subia de ponto e de realidades.

O escândalo fora tremendo.

Depois do caso da «Maria Alegria», já bastante diluído nas recordações do passado, e do outro caso da mulher do «Manuel do Rozendo», que

não passara duma «cabecada» passageira e perdoada mais tarde pelo marido, — ninguém tinha nada com isso! —, nunca se vira coisa igual!

A velha Tomásia comiçava por toda a parte e às mulheres mostrava, nos recantos, a nódoa negra do pontapé que a filha lhe acertara no ventre.

Na fúria dos comícios voltava-se para os lados das obras e, de punhos cerrados, invectivava os ares e o sr. Morais.

— Maldita a hora em que caiste na nossa terra, obra do inferno, cão tinhoso! Trouveste a desgraça à minha casa e à nossa aldeia... Que um raio vos fulmine e faça em pó!

E o que dizia aqui, berrava além, gritava por todo o «povo».

O mulhério fazia coro:

— A Rosária acrescentava trágicos pormenores, inventados pelo despeito surdo; a Zulmira, a Mariana, e outras da criação da Ermelinda iam de porta em porta, intimamente satisfeitas com a queda, espalhando a nova; e dentro em pouco o falatório era geral!

Nessa noite havia «cascada» na da comadre Felícia.

Estava-se em fins de Setembro e o milho precisava que o «cascassem».

A comadre Felícia fora pela aldeia, logo de madrugada, à gandaia das clientes e amigas velhas, e prometera coelho guisado e sua cantarinha de vinho aberto, — do tal que lhe chamam «machoca» e mais parecia água-pé doente.

— E pode vir a Luisa, a *Gestrudes*, e a Chica do *Ambroiso*, comadre?

— Pode, pois? Quanto mais depressa melhor; quanto mais gente mais depressa se acaba. O pior é que minga o quinhão de cada na merenda...

— Deixá-lo. A gente também não vai lá por isso...

— Bem sei. Vão lá por causa dos rapazes...

— E então? No seu tempo não era já assim?

E a «comadrinha» seguia na peregrinação, fazendo os convites e as recomendações:

— Que não queria espigas do milho-rei, nem *astrevimentos*, nem faltas de juízo. Tudo na ordem e com sossego.

(CONTINUA)

OS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS LISBONENSES

Comemoraram o 44.º Aniversário

Saudação O Aniversário

«A Província», ao publicar a presente página de homenagem aos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, dirige-lhes esta efusiva saudação.

Não fica mal, nem é inoportuna, esta página de homenagem à prestimosa Associação lisboeta e aos valorosos elementos que a compõem, inteiramente de acordo com a sua divisa: Por uma Humanidade melhor!

A obra humanitária que essas Associações realizam, é bem de molde a merecerem sempre a estima e a consagração da Imprensa, e sentimo-nos até muito honrados com a inserção nas nossas colunas desta modesta, ainda que espontânea e sentida, reportagem justíssima.

A 3.ª Secção dos B. V. da capital tem um passado que a impõe, uma história repleta de actos heróicos, altruísticos, de abnegação e sacrifícios, de profundas lições de civismo e desinteresse, de constantes exemplos de amor pelo próximo, de sincera dedicação à Causa da Humanidade.

A atestá-lo está a sua longa folha de serviços, os louvores que lhe têm sido tributados, as condecorações com que a têm distinguido.

Mais não é preciso, portanto, para justificar a nossa homenagem e para merecer esta saudação.

Todos os seus elementos serão os primeiros a conceder-nos licença para que tornemos extensiva esta saudação às corporações por-

tuguesas, a quem a Nação, a Pátria, os concidadãos tanto devem no campo do prestígio e da solidariedade humana.

A todos envolvemos, pois, no mesmo amplexo de admiração e reconhecimento, pela soma de bem que espalham, pelas lições e exemplos de sã moral que simbolizam.

E aos B. V. Lisbonenses, como representantes nesta homenagem dessa pleiade valorosa dos Soldados do Bem, endereçamos a saudação amiga e eloquente deste humilde semanário:

Pelos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, SALVE!

Por todos os Bombeiros Voluntários de Portugal, SALVE!

Leopoldo Nunes

disse acerca dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses:

«A sua acção vale alguma coisa nesta hora tão avariada de solidariedade: o seu gesto de dar tudo, sem nada pedir, representa um verdadeiro apostolado.»

Quarenta e quatro anos de luta pela vida do próximo. Extraordinário exemplo de dedicação sem recompensa, sem glórias, apenas na iminência de se ser devorado pelas chamas que tudo carbonizam.

Quase meio século para erguer um nome, um prestígio ilimitado, com competência e zelo, aureolado por homens corajosos, honestos e verdadeiros heróis!



O Comandante Egas Santos Ribeiro.

Quarenta e quatro anos entre perigos e dificuldades constantes, arriscando a vida para salvar outras vidas, ou até por futilidades ou precipitações, em holocausto a uma ideologia, como sagrada, é uma nobre afirmação de princípios e de sentimentos que choça, que enternece, que comove profundamente!

Os B. V. Lisbonenses têm escrito, no livro das abnegações humanas, páginas excelsas que os colocam no primeiro plano das instituições beneméritas da capital.

Sempre num progresso crescente, mercê de Direcções esforçadas, de Comandos dedicados, de Voluntários conscientes e briosos, a 3.ª Secção de Lisboa impõe-se hoje à consideração unânime pela sua acção altruista, pelas suas instalações modelares, pelo moderno material de que dispõe.

Além de três carros de incêndios, apetrechados com tudo quanto é necessário para a defesa das vidas e dos bens dos habitantes, possui ainda cinco ambulâncias para os «serviços de saúde», equipadas com magníficas macas e todo o material indispensável à sua profícua intervenção.

Tudo reflecte a longa estrada de canseiras, o longo caminho de lutas persistentes dessa tão prestimosa agremiação.

Não é o local próprio para fazermos a história circunstanciada da sua vida associativa.

Ela é, como todas, um repositório de altos e baixos, de desânimos e de vontades pertinazes, de desilusões e de esperanças fagueiras.

Através das vicissitudes habituais, manteve-se, no entanto, a chama deslumbradora da Fé que conduz os homens aos superiores destinos das Causas justas.

E assim foi que, tendo atravessado as crises do costume, conseguiu alcançar o posto prestigioso onde actualmente se encontra, honrando o Voluntariado Português, a cidade que está servindo a mística que representa.

Longo e fastidioso seria enumerar aqui as sucessivas Direcções e os Comandos que a têm notabilizado.

Todos se esmeraram no prosseguimento da obra encetada, e seria até deslocado o focar nestas

colunas nomes duns em detrimento doutros.

E seu actual 1.º Comandante o sr. Egas Santos Ribeiro, e a este devemos as referências que merece pelo seu cargo de infinitas responsabilidades, no momento exacto em que escrevemos estas desprentiosas palavras.

Há cinco anos que exerce esse tão espinhoso cargo, e de tal forma o tem desempenhado que a Corporação sobe permanentemente no prestígio de que goza.

Os seus esforços, a sua competência, a sua extrema dedicação, ao lado e a par das Direcções com que tem servido, elevaram os B. V. Lisbonenses ao grau de progresso e de desenvolvimento que hoje se patenteia perante os observadores e entidades oficiais.

Que esse progresso e esse desenvolvimento prossigam no mesmo ritmo, de modo a cada vez melhor servir, por dilatada existência, são os votos ardentes e sinceros deste humilde baluarte da Imprensa Portuguesa.

Esta página bem o exprime; as nossas modestas frases bem o demonstram.

As pequenas Corporações

No sentido ideológico, não há grandes nem pequenas Corporações de Bombeiros. São todas iguais, integradas na missão humanitária que lhes cabe e as distingue.

No sentido material, porém, para maior eficiência das intervenções, dispõem umas de melhor apetrechamento e vivem outras do pouco e rudimentar que conseguem obter ou lhes é distribuído.

Desta boa maneira, acontece que as mais humildes são as que, justamente, mais dificuldades encontram no seu caminho.

Nã maioria das vezes sustentam-se da dedicação dum ou dois elementos, destes a que chamam «carolas», que tudo sacrificam ingloriamente pela associação dos seus ideais.

(Nunca simpatizámos com este termo «carola». Achamo-lo sempre pejorativo, deprimente e pouco ou nada compensador das virtudes praticadas).

Em certas e determinadas localidades, são essas Corporações os únicos «postos de socorro», os únicos auxílios com que podem contar os infortunados, os aflitos,

as vítimas de desastres, de doenças graves, de acidentes de todo o género.

Heróis ignorados e mal apreciados, os seus componentes cumprem igualmente a nossa divisa «VIDA POR VIDA», e em muitas ocasiões, baqueiam em holocausto ao seu altruísmo e desinteresse.

Não obstante, com raras excepções, os que aproveitam seus serviços rapidamente se esquecem deles, rapidamente os põem à margem com indiferença, e é trivial ouvir-se a célebre frase «têm obrigação» como documento flagrante da falta de civismo e de cultura.

Por outro lado, como não possuem o material indispensável para bem exercerem a sua sagrada missão, como até não recebem as instruções necessárias para bem a desempenharem, falham por vezes, não produzem o rendimento suficiente quando intervêm, e são olhados com ar depreciativo e magoativo.

No entanto, se tempos depois os seus serviços forem precisos, aí vão novamente, com toda a fé, com toda a coragem, com toda a abnegação. «mais do que permite a força humana», sempre prontos a honrar a farda, a sua modesta Corporação, e o nome da terra que também representam.

Todas as Corporações de Bombeiros devem merecer o respeito e a simpatia das populações e o auxílio dos poderes públicos; mas

AS COMEMORAÇÕES



Visita do Inspector de Incêndios, Tenente-Coronel Luis Ribeiro Viana, ao quartel dos Lisbonenses.

Para assinalar a passagem do 44.º aniversário da fundação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, e cuja comemoração oficial se efectuará em data oportuna, foi celebrada missa na igreja do Sagrado Coração de Jesus, por alma de falecidos dirigentes e Voluntários da Corporação, à qual assistiram os corpos gerentes, bombeiros, muitos sócios e numerosas senhoras. Na capela-mor fez guarda de honra uma formação do corpo activo dos bombeiros.

Efectuou-se também a tradicional romagem às campas dos bombeiros e directores falecidos, no

cemitério dos Prazeres, nas quais foram depostos ramos de flores, bem como no jazigo de Eduardo Augusto Macieira, fundador da Corporação e seu primeiro Comandante.

Idêntica cerimónia foi efectuada no cemitério do Alto de S. João, onde ficaram cobertas de flores as campas de antigos elementos da Corporação e o túmulo do falecido Comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, major Rodrigues Alves. Em seguida, foram depostas flores nas campas do talhão dos Combatentes da Grande Guerra, junto das quais foi observado um minuto de silêncio.



Fotografia histórica: O sr. Ministro do Interior, assistindo à inauguração do auto transporte de pessoal e material.